

Conde de Sabugosa



Donas Portuguesas
de Tempos Idos

Prefácio:
Helena Sacadura Cabral

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
D. MARIA PAIS, A RIBEIRINHA	21
INÊS NEGRA – A HEROÍNA DE MELGAÇO	57
D. BEATRIZ, CONDESSA DE ARUNDEL E DE HUNTINGDON ..	85
A MISTERIOSA BEATRIZ	111
D. ISABEL – DUQUESA DE BORGONHA.	139
LEONOR DE PORTUGAL, IMPERATRIZ DA ALEMANHA E O BEATO AMADEO	173
D. LEONOR DE ÁUSTRIA.	205
D. BEATRIZ DE SABÓIA.	229
AS METAMORFOSES DA INFANTA	255
D. BRITES DE LARA	279
D. FRANCISCA DE ARAGÃO.	307
UMA NOIVA DO PRIOR DO CRATO	343
ANTÓNIA RODRIGUES, AMAZONA DE MAZAGÃO.	371
SOROR VIOLANTE DO CÉU	397
MATRONAS DE 1640	431
D. CATARINA DE BRAGANÇA, INFANTA DE PORTUGAL, RAINHA DE INGLATERRA	465
CARTAS DA FREIRA PORTUGUESA	493
CONDESSA DA ERICEIRA, D. JOANA DE MENEZES	521
D. ISABEL DE PORTUGAL	555
DUAS REALEZAS	585

PREFÁCIO

Por norma um prefácio destina-se a introduzir o leitor no livro que vai ler. Sem desvendar o conteúdo, deve, no entanto, levantar alguns véus que despertem a vontade de saber do que se vai tratar.

Quando recebi este convite, confesso que estranhei. Tratava-se de um autor que pertenceu a uma geração literariamente muitíssimo rica e que, nestes textos originalmente dispersos por várias das suas obras e reunidos aqui neste livro, aborda o lado menos conhecido de uma série de mulheres que a História nem sempre consagra.

Não sendo historiadora, nem especialista em literatura, ocorreu-me que o convite se basearia no facto de toda a minha vida como autora me ter dedicado bastante ao estudo do comportamento feminino.

Assim, pareceu-me lógico que este prefácio obedecesse a quatro grandes linhas. A primeira, seria apresentar o autor. A segunda, tentar clarificar a época em que as biografias foram escritas. A terceira, expressar as diferenças que me parecem existir na forma como o autor encara essas mulheres. E, finalmente, a minha visão a seu respeito, salientando, eventualmente, as que do ponto de vista pessoal mais me tocam.

Quem é, então, António Maria José de Melo Silva César e Meneses, escritor, poeta e publicista? É o autor destes textos e o 9.º conde de Sabugosa, de cuja vida convém saber alguma coisa, antes de entrar no detalhe das linhas que aqui escreveu. Homem do grupo dos chamados «Vencidos da Vida», designação com que Oliveira Martins os celebrou em 1888, o «grupo jantante» de onze intelectuais portugueses ora se encontrava no Café Tavares, ora no Hotel Bragança. Congregava, para fins de mero convívio e diversão, os membros mais destacados da chamada Geração de 70, entre os quais o próprio Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, António Cândido, o marquês de Soveral, o conde de Ficalho e, a partir de 1889, Eça de Queirós. Para além destes, completavam, também, o grupo dos onze Carlos Mayer, Carlos Lobo d'Ávila, Bernardo de Pindela e o conde de Sabugosa.

A mercê do título de 9.º conde de Sabugosa foi concedida em 1879 após ter herdado diversos outros títulos e honras pelo lado materno. Apesar de poder suceder a seu pai nos títulos de marquês de Sabugosa e de conde de São Lourenço, nunca se encartou.

Vários destes intelectuais estiveram associados a iniciativas de renovação da vida social e cultural portuguesa da época, como as Conferências do Casino. Como grupo, ficaram conhecidos (embora não com inteira justiça) pelo seu diletantismo, por um certo cosmopolitismo desencantado. Estes não eram, contudo, sinais de falta de profundidade intelectual, como comprovam as abundantes realizações dos seus membros na política, na diplomacia, na historiografia e na literatura.

Os principais motivos para essas reuniões jantantes, que chegaram a intrigar, e mesmo a preocupar, diversos sectores

da sociedade da época, eram, além da admiração e estima que tinham uns pelos outros, o patriótico desejo de colocar Portugal entre os países cimeiros da Europa – já então! E, para tal, contavam pôr a sua inteligência e vontade ao serviço do príncipe D. Carlos, que foi rei em 1889, fazendo renascer a esperança de um país renovado e com uma política nova, onde a meritocracia fosse uma das suas bases.

«Vencidos da Vida», como a si próprios se chamaram era, assim, uma definição irónica que, se por um lado, os identificava com a desilusão generalizada que grassava no país, por outro não os fazia desistir de vencer. Buscavam, efetivamente, uma outra sociedade mais autêntica, mais transparente. E todos, de certo modo, a encontraram, pois, uns mais outros menos, são recordados por a terem, ao menos, procurado.

António Maria José de Melo Silva César e Meneses, formado em Direito por Coimbra, seguiu a carreira diplomática, chegando a ministro plenipotenciário. Dedicou-se também à Literatura, nomeadamente ao romance histórico e à descrição artística de monumentos.

Lembra-nos um conhecedor: «um possível perfil de um “Vencido da Vida” seria, à época, o de um filho de família da burguesia liberal ou acomodada ao liberalismo, formado em Direito por Coimbra ou outra escola superior, funcionário público com passagem pela política ativa como deputado ou ministro, medalhado ou titulado por serviços prestados, implantado em Lisboa, dedicando-se às letras no jornalismo e no romance, conhecendo o mundo europeu e colonial, teimando no grande desejo de melhorar a sociedade e a vida económica do país, através da reforma das instituições.»